



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

JAILMA DIONISIO DA SILVA

A PEDAGOGIA VISUAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

JOÃO PESSOA

2020

JAILMA DIONISIO DA SILVA

**A PEDAGOGIA VISUAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Alagoa Grande, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Me. Camila Michelyne Muniz da Silva.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

S586p

Silva, Jailma Dionísio da.

A pedagogia visual no ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos / Jailma Dionísio da Silva. – 2020.
19 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profª. Me. Camila Michelyne Muniz da Silva.

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Pedagogia visual. 3. Português - Segunda língua. 4. Alunos surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

JAILMA DIONISIO DA SILVA

**A PEDAGOGIA VISUAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 07 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Camila Michelyne M. da Silva

Prof.(a.) Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva
Orientador(a) – UFPE

Neilson Alves de Medeiros

Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros
Avaliador(a) – IFPB

Nidia Nunes Máximo
Nidia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
UFPE SIAPE: 2143407

Prof.(a.) Ma. Nidia Nunes Máximo
Avaliador(a) – UFPE

A Pedagogia Visual no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos

Jailma Dionisio da Silva¹

Camila Michelyne Muniz da Silva²

Resumo: Este artigo tem como objetivo, descrever e analisar as contribuições da utilização da Pedagogia Visual no ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua (L2) para alunos surdos. Os dados aqui discutidos foram obtidos a partir de análises qualitativas de caráter exploratório, realizadas em materiais bibliográficos de autores que abordam acerca da educação de alunos surdos, com ênfase no ensino de Português como segunda língua, além de estudos sobre a Pedagogia Visual, na qual se destacam os conceitos e métodos de ensino. Todos esses materiais serviram para traçar caminhos na obtenção de respostas, que auxiliaram na construção e desenvolvimento deste estudo. Os resultados obtidos, indicam que a utilização de recursos visuais destinados aos alunos surdos, devem estar vinculadas à prática da sala de aula, tanto no ensino da Libras como primeira língua, quanto no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua. Portanto, conclui-se que é necessária a utilização de metodologias estruturadas a partir de uma Pedagogia Visual, que proponham um ensino significativo para a aprendizagem e desenvolvimento destes alunos.

Palavras-Chaves: Pedagogia Visual. Língua Portuguesa. Segunda Língua. Educação de Alunos Surdos.

Abstract: This article aims to describe and analyze the contributions of using Visual Pedagogy in the teaching of Portuguese as a second language (L2) for deaf students. The data discussed here were obtained from qualitative analyzes of an exploratory nature, carried out in bibliographic materials by authors that address the education of deaf students, with an emphasis on teaching Portuguese as a second language, in addition to studies on Visual Pedagogy, in which teaching concepts and methods stand out. All of these materials served to trace paths in obtaining answers, which helped in the construction and development of this study. The results obtained indicate that the use of visual resources for deaf students must be linked to the practice of the classroom, both in the teaching of Libras as a first language, and in the teaching of Portuguese as a second language. Therefore, it is concluded that it is necessary to use structured methodologies based on Visual Pedagogy, which propose a meaningful teaching for the learning and development of these students.

Keywords: Visual Pedagogy. Portuguese Language. Second Language. Education of Deaf Students.

1 INTRODUÇÃO

Fazer de uma educação para alunos surdos, que viabilize alcançar suas necessidades e considerando suas capacidades, com utilização de recursos acessíveis para o desenvolvimento de seu aprendizado, ainda tem sido um grande desafio, pois, ter-se uma escola sem que haja exclusão e que atenda a todos os alunos de forma igualitária, é uma busca

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; jailmadiosilva@gmail.com;

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; camila.michelyne@ufpe.br.

incessante dos profissionais da educação. Porém, mesmo diante dos desafios, é perceptível o quanto o aluno surdo vem conseguindo conquistar espaços dentro da sociedade, com leis que reforçam seus direitos e que destacam a necessidade do fornecimento de uma educação de qualidade, voltada ao seu desenvolvimento e aquisição da linguagem.

Uma conquista marcante para a comunidade surda, foi a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), trazendo o reconhecimento enquanto meio legal de comunicação e expressão do surdo. Em seu Art. 2º, afirma que a Libras deve ser inserida “(...) como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). A Libras passa, portanto, a ser considerada a primeira língua das pessoas surdas (L1), por atender as necessidades comunicativas desses sujeitos. Além de compor a proposta bilíngue para alunos surdos, que defende a aprendizagem das duas línguas: Libras como primeira língua e a aquisição da Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2), pois em seu Art. 4º, Parágrafo Único, determina que a “(...) Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2002).

Neste contexto, o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, se apresenta como uma forma de ampliar seus conhecimentos linguísticos. Para que isto ocorra, os professores devem utilizar métodos que atendam para as necessidades desses sujeitos e, por isso, aplicada na modalidade escrita, pois o aluno surdo, diferente de um aluno ouvinte, não utiliza a linguagem oral-auditiva, mediante que, “(...) a identidade surda é construída numa cultura visual” (LIMA; PEIXOTO, 2008, p. 117), o que reforça a importância dos recursos visuais no fazer pedagógico e da composição de uma Pedagogia Visual. Da mesma forma, corrobora o estudo de Campello (2008, p. 138), ao afirmar que é uma técnica que “(...) exige, sobretudo, o uso da imagem, captando em todas as suas essências”, o que para o surdo, é bastante significativo e condizente com sua realidade.

Diante de tais considerações expostas sobre a Pedagogia Visual, salientamos a importância de estudos voltados para essa temática, por tratar-se de um assunto fundamental para o desenvolvimento e formulação de recursos voltados para o ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. Visando aprofundar acerca desses estudos, questionamos, neste trabalho, de que forma a Pedagogia Visual pode contribuir para o processo de ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos.

Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva descrever e analisar as contribuições da utilização da Pedagogia Visual, como recurso didático para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. Objetivamos ainda, de forma específica:

apresentar discussões acerca da Educação de Surdos; abordar as metodologias utilizadas no processo de ensino da Língua Portuguesa como L2 para surdos; e analisar as contribuições da utilização da Pedagogia Visual, no processo de ensino da Língua Portuguesa como L2 para surdos.

Inicialmente apresentaremos uma breve discussão sobre a educação de alunos surdos, como aconteceu os processos de ensino voltados a estes sujeitos, chegando às conquistas atuais. Em seguida, discorreremos sobre a Língua Portuguesa como segunda língua para alunos Surdos, os principais métodos de ensino, destacando como é organizada essa língua no processo de aprendizagem para estes alunos. Após, discutiremos os Caminhos que levam para uma Pedagogia Visual, com conceitos e questões que ajudam a compreender esse fazer didático. Por fim, apresentaremos nas análises e discussões, a importância e as contribuições da Pedagogia Visual no ensino da Língua Portuguesa.

2 A Educação de Alunos Surdos

O fornecimento de uma educação específica voltada para o desenvolvimento de alunos surdos, nem sempre esteve em pauta pela sociedade. Durante um longo período, esses alunos foram privados do acesso a um ensino adequado, capaz de desenvolver suas habilidades específicas, o que resultou em uma perspectiva frustrante de aquisição da oralidade, por se acreditar que, só assim, eles seriam capazes de ser inseridos no meio social e estariam aptos a desenvolver e adquirir conhecimentos.

Durante o ano de 1857, teve início a luta pela garantia de uma educação para surdos no Brasil, contando com a importante atuação de Eduard Huet, um professor surdo francês que foi diretor da primeira escola para alunos surdos do Brasil, fundada por D. Pedro II, pelo decreto de nº 939 (MAZZOTTA, 2005), hoje, conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

No mesmo período, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi criada, com forte influência da Língua de Sinais Francesa, sendo interditada posteriormente, em setembro de 1880, quando “(...) houve um congresso internacional de educadores surdos na cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos” (STROBEL, 2009, p. 33), que, conseqüentemente, culminou em um retrocesso linguístico para esses sujeitos.

Mesmo com a proibição, às pessoas surdas continuaram a comunicar-se através de sinais. Esta persistência resultou no reconhecimento da Libras, que deu às pessoas surdas, a

possibilidade de aquisição de uma língua própria, a qual os leva a desenvolver habilidades específicas, garantindo uma comunicação condizente com a sua realidade. Segundo Pereira e Vieira (2009), o esforço pelo reconhecimento da Libras

(...) somado à reivindicação das comunidades de surdos quanto ao direito de usar esta língua, tem levado, nos últimos anos, muitas instituições a adotarem um modelo bilíngue na educação dos alunos surdos. Neste modelo, a primeira língua é a de Sinais, que dará o arcabouço para o aprendizado da segunda língua, preferencialmente na modalidade escrita, que, por ser visual, é mais acessível aos alunos surdos (PEREIRA; VIEIRA, 2009, p. 65).

O acesso ao modelo de educação bilíngue no Brasil, é garantido pelo Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que “(...) estabelece que deva ser ofertada obrigatoriamente aos alunos surdos, desde a educação infantil, uma educação bilíngue na qual a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – é a primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é a segunda” (PEREIRA; VIEIRA, 2009, p. 65). Ante o explicitado, é possível perceber a necessidade do ensino bilíngue para alunos surdos, pois é a garantia de uma extensão de aprendizagem, que possibilita a estes, usufruir, também, de uma segunda língua, respeitando seus aspectos comunicativos e a obrigatoriedade do acesso a sua primeira língua, como seu primeiro meio de comunicação.

A Libras deve ser sempre oferecida ao aluno surdo como primeira língua, por tratar-se de uma língua visual/gestual, que vai ao encontro das capacidades de compressão do aluno surdo, “(...) além de ser o fator que distingue este indivíduo do ouvinte, aparecendo como elemento central para o seu desenvolvimento” (SANTANA; BERGAMO, 2005 apud SILVA; SILVA, 2016, p. 34). É através desta língua, que o aluno surdo aprenderá a se comunicar, desenvolverá o diálogo com sua comunidade e com seu entorno.

2.1 A Língua Portuguesa como Segunda Língua para os Surdos: principais métodos de ensino

O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos é aplicado de forma específica e diferente do ensino para ouvintes. Trata-se de um fazer educativo pautado nas necessidades dos alunos surdos, de utilizarem da modalidade escrita da língua, para compreender a sociedade a sua volta. Por isso, é ensinada na modalidade escrita, pois, proporciona ao aluno surdo a familiaridade com os códigos e siglas dessa modalidade, até então desconhecidos, e

levando-os, a partir de recursos e formas didáticas de ensino, a relacionar objeto e imagem. Para Avelar e Freitas (2016, p. 13):

Desde a educação infantil, é obrigatório o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos Surdos, tal como previsto no art.14, parágrafo 1º, inciso II. Para os alunos Surdos, é importante que mergulhem no conhecimento aprofundado da primeira língua oficial do País, o Português, que é usada pela sociedade em geral, com o intuito de reduzir as barreiras e facilitando a comunicação com os ouvintes, tanto na escrita, quanto na leitura (AVELAR; FREITAS, 2016).

Assim, o ensino da Língua Portuguesa para os alunos surdos, não deve estar pautado em um processo como o de oralização, pois, eles já têm acesso a uma língua que lhes permite a comunicação com sua comunidade. Portanto, o Português deve ser inserido mediante a importância de trazer novos conhecimentos e que se somem na aprendizagem do aluno surdo, visto que, “(...) uma das maiores dificuldades desses alunos é a leitura de palavras em Português” (AVELAR; FREITAS, 2016, p. 13). O acesso a essa língua os proporcionará, além da compreensão da leitura, o desenvolvimento da escrita, sem que haja desapropriação de seu fazer cultural e linguístico.

Considerando que, os processos metodológicos de ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, não seguem a mesma especificidade que os processos de ensino para alunos ouvintes, é importante ressaltar que o professor, durante o processo de ensino, utilize metodologias específicas e dinâmicas, trazendo, inclusive, características da Libras para o processo de ensino dessa nova língua, visando amenizar o impacto que esta poderá proporcionar nos primeiros contatos do aluno surdo. Assim, como afirma Peixoto (2006, p. 209):

A condição de segunda língua que o Português tem na vida do surdo promove nesse sujeito um estranhamento semelhante ao que nós, ouvintes, temos quando nos deparamos com uma língua estrangeira. Interpretar ou produzir uma escrita estranha à própria língua confronta nossa organização de linguagem e nosso conhecimento gramatical, exigindo uma produção de novas significações que só conseguiremos construir tendo como base a nossa língua materna.

Por isso, a necessidade de construir a segunda língua, no caso o Português, a partir de conhecimentos relativos a Libras (L1). Um exemplo marcante dessa articulação, acontece na aprendizagem da leitura e da escrita, como esclarecem Avelar e Freitas (2016, p. 15), ao explicarem que nesse processo de ensino “(...) é necessário que sejam estabelecidas relações de significado entre a Língua Portuguesa e a Libras”, para que, o aluno surdo, não sinta que a

partir da aprendizagem do Português, estará perdendo sua identidade, por tratar-se de uma língua utilizada por pessoas ouvintes.

A ideia de formação em uma segunda língua, com aspectos da primeira, é fazer com que o processo de aprendizagem seja prazeroso. Por isso, a necessidade dos métodos de ensino serem respaldados pela Libras, já que, esta “(...) sustenta a passagem do processo de leitura e escrita elementar para um processo mais consciente. Esse processo dará sustentação para o ensino da Língua portuguesa, que pode estar acontecendo paralelamente” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 32). Para que isso ocorra, o diálogo e as discussões realizadas durante a aula e nas atividades, devem ser em língua de sinais, pois, não haveria outra maneira do aluno surdo compreender melhor, aquilo que lhe está sendo repassado. Quadros e Schmiedt (2006), destacam que:

O professor precisa conversar na língua de sinais sobre o que a leitura estará tratando. Isso não necessariamente implica em ler o texto em sinais, mas sim conversar sobre o texto ou trazer o texto dentro do contexto das atividades já utilizadas no desenvolvimento na sala de aula. Além disso, muitas vezes discutir sobre alguns elementos linguísticos presentes no texto pode ser muito útil para o aluno que está aprendendo a ler (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 41).

Assim, como no processo de ensino de um aluno ouvinte, em que a leitura sonora induz ao sentido da palavra, para o aluno surdo, a leitura visual mediada pelo professor/professora, dará sentido ao código da escrita, fazendo com que ocorra o processo de aprendizagem e memorização de forma dinâmica, e não mecanizada. “Nesta concepção, a leitura não se caracteriza como decodificação de letra por letra, palavra por palavra, mas implica compreensão” (PEREIRA, 2014 p. 149), fornecendo uma troca mútua de saberes e aprendizagens.

Diante de tais aspectos do ensino da Língua Portuguesa como segunda língua no ensino de alunos surdos, os recursos didáticos devem, também, estabelecer conexão com a realidade surda. Portanto, é necessário a composição de um ensino que utilize de recursos visuais no fazer de um ensino de qualidade, pois “(...) diferentemente das crianças que ouvem, as surdas vão se basear na visão para constituir a sua relação com a escrita” (PEREIRA, 2014, p. 149), sendo esta, a forma como percebem e decifram o mundo.

Dentro dessa realidade, várias são as possibilidades de desenvolvimento de atividades que privilegiam o uso da visão, para melhor compreensão pelo aluno surdo, desde a utilização de imagens que ajudam a compor a dinâmica de aula, como também de recursos

tecnológicos visuais, dentre os quais podemos destacar o uso de vídeos e jogos dinâmicos realizados em computadores conectados à internet.

3 Caminhos que levam a uma Pedagogia Visual

Ao aprofundar acerca de estudos sobre a educação do aluno surdo, é necessário reconhecer a importância do sentido da visão para estes sujeitos, pois, diferentemente de uma pessoa ouvinte, que utiliza da modalidade oral-auditiva para se comunicar, o aluno surdo compreende seu entorno, a partir de uma percepção visual mais aguçada, devido à sua condição auditiva. Assim, conseqüentemente, leva os surdos ao desenvolvimento de uma língua de modalidade distinta, ou seja, espaço-visual: a Libras, que apresenta uma gramática própria, pautada na visualidade.

Regulamentando a Lei de Libras, tem-se o Decreto nº 5.626, de dezembro de 2005, legítima, em seu Artigo 2º, que “Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005). Com isso, aponta para a importância da experiência visual no processo de ensino/aprendizagem de língua do aluno surdo, por ser uma habilidade essencial no processo de aquisição de linguagem e na sua comunicação com o mundo. De acordo com Lima e Peixoto (2018, p. 118):

Com a legislação reconhecendo a Surdez e sua língua como aspecto social e educacional, a Cultura Surda teve seus avanços nas suas representações artísticas baseadas em experiências visuais. A Língua de Sinais caracteriza a comunicação gestual visual levando a interação em todos os aspectos culturais, criando espaço de poder nas relações entre os sujeitos ouvintes e surdos de forma significativa e igualitária.

Portanto, é importante afirmar que, o fazer pedagógico, pautado na experiência visual do aluno surdo, os coloca em um patamar de igualdade com a sociedade, sendo extremamente relevante buscar trazer aspectos que estejam diretamente voltados à sua cultura, respeitando e valorizando a forma como compreendem o espaço e utilizam-se disso, para extrair informações e se comunicar com o mundo.

Mediante as discussões sobre o aluno surdo e sobre a importância da visão no processo de construção de uma educação para esses sujeitos, é imprescindível abordar conceitos acerca da Pedagogia Visual, definida por Campello (2008, p. 131), “(...) como

aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”, fator este que, a coloca em uma relação direta com o processo educativo de alunos surdos, pois compreende a necessidade da visão na formação destes sujeitos e de recursos visuais, para que forneçam uma educação adequada, principalmente, por considerar que, a

[...] experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações (SKLIAR, 2001, p. 176).

São exemplos como estes que expõe o quanto a experiência visual é importante e necessária, sendo pertinente detalhar a precisão de uma Pedagogia Visual, já que, ela apresenta uma ligação direta com a utilização de recursos visuais no processo de aquisição da linguagem, e que tem como objetivo eminente, perceber as várias possibilidades de ações educativas que podem ser adotadas e utilizadas dentro da sala de aula, tanto no ensino da primeira língua (L1), quanto no ensino da segunda língua (L2), visando a garantia de uma aprendizagem significativa, e que coloque o aluno frente às suas necessidades de aprendizagem, tornando viável e prazeroso o processo de aquisição da língua.

4 METODOLOGIA

O presente artigo é cunho Qualitativo, e para investigação das questões que norteiam este estudo, utilizou-se o método de pesquisa exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52) “(...) a pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos”. Proporcionando uma melhor compreensão do problema para o desenvolvimento de ideias que auxiliarão na construção da pesquisa.

Para obtenção dos dados, contamos com a pesquisa bibliográfica, realizada em suportes online, como Google Acadêmico, o Repositório da Capes e a Scielo, o que nos possibilitou, a partir da investigação de materiais teóricos, como artigos e livros, o acesso aos conteúdos que tratam sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, e foram o suporte para traçarmos estratégias e analisá-las, objetivando obter resultados, conforme o nosso objetivo de descrever e a analisar a importância da Pedagogia Visual enquanto recurso didático para o processo de ensino da Língua Portuguesa como L2.

Foram selecionados um total de cinco artigos pesquisados no mês de outubro de 2020, sendo três obtidos no site do repositório acadêmico da Capes: “Novos caminhos: pensando materiais didáticos de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos”, das autoras Teixeira e Baalbaki (2014); “Atividades de língua portuguesa escrita no contexto de alunos surdos em anos iniciais do ensino fundamental”, de Steyer, Maquieira e Fronza (2017), e “Análise de “Ideias para ensinar português para alunos surdos”: Como fica o ensino da leitura?”, de autoria de Rodrigues e Souza (2019). No portal Scielo, selecionamos outros dois artigos, intitulados: “O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos”, de Pereira (2014); e “Ensino de língua portuguesa escrita na educação bilíngue de surdos: questões a partir de narrativas de professores da Baixada Fluminense”, com autoria de Calixto, Ribeiro e Ribeiro (2019). Os cinco artigos citados apresentam abordagens acerca das estratégias metodológicas voltadas para o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos.

Utilizamos ainda, para complementar as discussões, o livro disponibilizado no Google Acadêmico: “Estudos Surdos II”, organizado por Quadros e Perlin (2007), do qual aproveitamos abordagens que concernem a Pedagogia Visual, presentes no capítulo 4, intitulado “Pedagogia Visual/Sinal da Educação dos Surdos”, com autoria de Campello (2007).

Todos os métodos de pesquisa e materiais citados, além de possuírem relevância para fundamentação da análise, nos auxiliaram na obtenção de respostas, acerca da importância da utilização da Pedagogia Visual no processo de ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Diante da leitura e análise dos artigos coletados no portal da Capes e na biblioteca on-line Scielo, foi possível perceber que todos os autores ressaltam a importância da construção de um ensino para segunda língua, pautado na primeira língua de alunos surdos, a Libras. De acordo com Teixeira e Baalbaki (2014, p. 26), o reconhecimento da Libras como meio de comunicação e língua de instrução da comunidade surda para o ensino da Língua Portuguesa, levantou novas questões acerca da construção de metodologias voltadas para o fazer didático dos professores. Ainda segundo estes autores,

[...] as línguas de sinais são de modalidade espaço-visual, o que significa dizer que apresentam, entre outros aspectos linguísticos, simultaneidade na realização de categorias linguísticas. Além disso, realizam-se no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o lugar de sinalização. Especificamente, a Libras produz narrativas e diálogos constituídos de coordenações de sentenças, cuja estrutura interna é predominantemente. Também são utilizadas marcas não manuais, como expressões fisionômicas e movimentos do corpo, em sincronia com o movimento manual (TEIXEIRA; BAALBAKI, 2014, p. 26).

Ante o explicitado, fica notório a importância da Libras na composição da segunda língua para alunos surdos e, juntamente com esta, a inserção de aspectos visuais, que estão fortemente presentes na língua de sinais, seja na expressão facial ou no diálogo manual, onde tudo é compreendido a partir do que é visto, pois, é assim que o aluno surdo consegue estabelecer uma relação com seu entorno.

Acerca da importância de um ensino visual para alunos surdos Steyer, Maquieira e Fronza (2017, p. 86) ressaltam que, “(...) é necessário procurar estratégias metodológicas que atentem às especificidades do surdo, pois o aluno surdo se apropriará da língua de uma maneira diferente, ou seja, através do meio visual”. Trata-se da forma pela qual este aluno se comunica, o principal dos cinco sentidos humanos usado na formação de seu conhecimento, por fornecer todas as possíveis informações que não podem ser captadas através de outros sentidos, e somente a visão proporciona.

Durante o processo de alfabetização em Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos, ocorre, em vários momentos, “(...) a tradução dos conhecimentos adquiridos na língua de sinais, dos conceitos, dos pensamentos e das ideias para o português” (RODRIGUES; SOUZA, 2019, p. 13). Sendo assim, são adotadas características que trazem familiaridade ao aluno surdo, fazendo inclusive, com que haja o reconhecimento de saberes obtidos no processo de aprendizagem da primeira língua, e, dentre estes saberes, estão os obtidos de forma visual, que ficaram armazenados na memória.

De acordo com Souza e Rodrigues (2019, p. 13):

As formas de registros iniciais são essencialmente visuais e precisam refletir a complexidade da língua de sinais. Os textos produzidos pelos alunos em sinais e literatura geral em sinais são fontes essenciais para o desenvolvimento desse processo, pois servem de referência para o registro escrito na língua portuguesa. Quando a criança já registra suas ideias, histórias e reflexões por meio de textos escritos, suas produções servem de base para reflexão sobre as descobertas do mundo e da própria língua.

As autoras destacam a importância da memória visual para o estabelecimento da aprendizagem, por isso, a necessidade dos professores trabalharem com recursos que levem o

aluno a visualizar aquilo que está sendo ensinado, de forma mediatizada, relacionando objeto e escrita, fazendo a transcrição do Português, para a Libras. Toda forma de fazer voltado para o visual é fundamental para o desenvolvimento e memorização no aluno surdo, por isso é sugerida a Pedagogia Visual, já que, ela fornece todos os subsídios precisos para interação do aluno com a língua, tanto da Libras, quando do Português, pois sua composição engloba a utilização de recursos visuais na aprendizagem de alunos surdos.

Segundo Campello (2007, p. 106), apesar de possuir uma relevância significativa na área de ensino e estudos direcionados a alunos surdos, a Pedagogia Visual ainda é pouco discutida, e há um acervo mínimo de produções de cunho teórico-metodológicas com ênfase nessa área, mesmo sendo totalmente viável e acessível ao atendimento desses alunos, que necessitam da visão, para descobrir e redescobrir a sociedade, além de ser fundamental para sua comunicação, já que a Libras é uma língua visual.

Trata-se de “(...) um novo campo de estudos e a demanda da sociedade, por sua vez, pressiona a educação formal a modificar ou criar novos conceitos ou denominações para a pedagogia visual, a fim de reorientar os processos de ensinar e aprender” (CAMPELLO, 2007, p. 106). Diante as colocações da autora, fica visível a necessidade da adaptação do ensino formal, pois é necessário a ampliação e criação de novas didáticas para que a educação possa chegar à todos e de forma satisfatória, alcançando a realidade individual de cada aluno, sendo, a Pedagogia Visual, uma forma de ensino específica frente às necessidades dos alunos surdos.

Segundo as considerações de Perlin:

Sugere-se a organização de uma pedagogia visual que contemple a elaboração do currículo, didática, disciplina, estratégia, contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (PERLIN, 2000 apud CAMPELLO, 2007 p. 129).

Com as colocações de Perlin (2000 apud CAMPELLO, 2007), fica perceptível a abrangência da Pedagogia Visual ao contemplar várias áreas do saber, dando suporte para composição de métodos diversificados de ensino, atuando no desenvolvimento das múltiplas facetas para que o aluno surdo possa aprender, para atuar na sociedade de forma dinâmica, a partir do conhecimento voluntário, que serão indispensáveis para que este possa lidar com cada área social.

Alguns métodos de ensino e que já são utilizados no processo de ensino da Língua Portuguesa, para surdos, englobam aspectos da Pedagogia Visual ao contemplarem a utilização de recursos visuais nas práticas de ensino. Segundo Teixeira e Baalbaki (2014), no ensino da escrita deve-se:

Contemplar o desenvolvimento do letramento com centralidade no processo da interlíngua. Sobrepe-se a ele a contextualização visual do texto, cuja importância permitirá ao aluno surdo a elaboração de hipóteses sobre o sentido da escrita e da leitura (Ibidem, p. 29).

Ante o explicitado, é possível observar que a percepção visual levará o aluno a questionar e criar conceitos, para aquilo que foi visualizado, podendo formular suas próprias interpretações, antes mesmo, da mediatização do professor, que deverá fornecer em seguida, suporte para que o aluno consiga compreender o conteúdo com êxito.

Rodrigues e Souza (2019, p. 16) acrescentam que:

Primeiro, estimula-se a associação de desenhos a palavras do português, mas, curiosamente, o sinal em libras não é mencionado nessa etapa. Dessa forma, a criança deve memorizar uma palavra e uma imagem que intenta representá-la, sem ser orientada, ao que tudo indica, quanto ao sinal associado a essa palavra escrita (RODRIGUES; SOUZA, 2019, p. 16).

As considerações de Rodrigues e Souza (2019), reforçam que são constituídas relações entre a imagem e a palavra, visando dar significados e estabelecer sentido, fator este, que torna o processo da escrita algo significativo, já que, são dados sentidos aos signos, fazendo com que estes, conseqüentemente, deixem de ser um conjunto de letras para ganhar sentido real.

Sobre as metodologias para o ensino da leitura no processo de aquisição da Língua Portuguesa e que envolvam a utilização de recursos visuais, Rodrigues e Souza (2019, p. 15) esclarecem que, “(...) o professor vai precisar dar instrumentos para o seu aluno chegar à compreensão. Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo”. Não se trata de uma leitura mecanizada, o aluno surdo deve realmente compreender o que está lendo, resgatando memórias que deem sentido à leitura, ou descobrindo novos significados.

É extremamente relevante a interação do texto com a imagem, pois a imagem caracteriza o texto, dando a este, uma forma, bem como, qualquer outro recurso visual. Por tanto, na sala de aula “(...) pode-se contar uma história na língua de sinais e mostrar a escrita e as imagens para que as crianças relacionem o conteúdo com o escrito, ainda que não sejam

capazes de ler sozinhas" (PEREIRA, 2014, p. 150). Ou, pode-se optar pela leitura dramatizada, com caracterização de personagens e cenário específico. Assim, toda forma de percepção visual contribuirá para o enriquecimento da leitura.

Além da utilização de metodologias dinâmicas no ensino da leitura, é preciso que o professor(a) traga para sala de aula, textos que “(...) precisam ser autênticos, conter temas relacionados à experiência dos aprendizes e estar associados a imagens” (SALLES et al., 2004 apud CALIXTO; RIBEIRO; RIBEIRO, 2014, p. 584), e utilize gêneros textuais apropriados para o atendimento do aluno surdo, nos quais citamos a uso de charges, histórias em quadrinhos, e até mesmo de uma literatura visual, que forneça ao aluno surdos textos dinâmicos, que possam ser compreendidos a partir do diálogo e também através da leitura visual. Assim, percebemos a importância da busca por parte do professor de novos métodos de ensino para trabalhar com o aluno surdo, visando inovar o processo de aprendizagem.

Dadas as discussões dos autores, foi possível perceber que os recursos visuais são sim importantes e que devem estar presentes no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. Todas essas contribuições só ressaltam a necessidade e a importância de uma Pedagogia apta, que englobe várias formas do fazer educativo pautado na visão. Não adianta ensinar escrita sem significados e para uma leitura rasa, é necessário a associação a partir de materiais concretos, figuras que mostrem a realidade da escrita, fazendo sempre articulações com a Libras. Como acrescenta Pereira (2014, p. 149) “(...) o objetivo do ensino de Língua portuguesa para surdos (...) deve ser a habilidade de produzir texto e não palavras e frases, por isso a importância de se trabalhar muito bem o texto, inicialmente na Língua Brasileira de Sinais”, sendo esta, uma prática que permite ao aluno a construção da aprendizagem a partir das duas línguas.

Por isso, a Pedagogia Visual deve se fazer presente nos processos de ensino do aluno surdo. Contudo, é necessário acrescentar que, para compor esta Pedagogia, é preciso um trabalho em conjunto em colaboração com os professores, que devem também buscar uma formação específica e que lhes possibilite o acesso a novas didáticas e conhecimentos, voltados para o ensino visual, ou seja, um ensino que priorize a visão do aluno surdo, considerando a importância que esta possui para vida destes sujeitos, por ser justamente o meio que utilizam para compreender o conteúdo, aprender e se comunicar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados, compreendemos a importância de um ensino de segunda língua para alunos surdos, pautado na sua primeira língua, privilegiando todos os aspectos positivos que possam enriquecer a didática na sala de aula. Em consonância com isso, sugere-se que sejam utilizados aspectos linguísticos da Libras, para compreensão da Língua Portuguesa para alunos surdos, devendo ser fundamental considerar os recursos visuais, que são indispensáveis na formação da aprendizagem destes alunos.

A Pedagogia Visual, engloba todas essas particularidades fundamentais para a composição da primeira e segunda língua de alunos surdos, sendo fundamental no desenvolvimento de didáticas voltadas para o ensino da leitura e escrita, por sugerir a utilização de práticas que vão de encontro as capacidades desses sujeitos em compreenderem seu entorno, a partir da utilização da visão, dando suporte inclusive, para obtenção de uma formação apta aos professores, que necessitam da utilização de metodologias que sejam capazes de fornecer uma educação adequada e que traga resultados positivos a aprendizagem de seus alunos.

Campello (2007, p. 113) enfatiza que, a Pedagogia Visual “(...) ajudará a propor uma educação que não só beneficie o indivíduo surdo, mas que garanta a participação de todos: professores, docentes, pesquisadores, alunos, ou seja, a escola em sua totalidade”. Trata-se de um trabalho mútuo, que requer participação de todos, para o desenvolvimento de uma educação que seja capaz de atingir os objetivos propostos, visando a obtenção de resultados positivos, no ensino de alunos surdos.

Portanto, o fazer pedagógico composto por subsídios da Pedagogia Visual, no ensino da Língua Portuguesa para surdos, está relacionada à inserção de propostas inovadoras de atividades e métodos de ensino que podem ser usados pelos professores, contribuindo para o enriquecimento de suas aulas, e fazendo com que estas, estejam aptas as necessidades de alunos surdos, a partir da acessibilidade, já que, a percepção deles acontece a partir da visão, e o oferecimento de recursos pedagógicos que explorem esse sentido, será o mais adequado para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Thaís Fleury. FREITAS, Karlla Patrícia de Souza. A importância do Português como segunda língua na formação do aluno surdo. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002** - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2002.

_____. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 abr. 2018.

CALIXTO, Hector R. S.; RIBEIRO, Amelia E. A.; RIBEIRO, Alexandre A. Ensino de língua portuguesa escrita na educação bilíngue de surdos: questões a partir de narrativas de professores da Baixada Fluminense. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 256, p. 578-593, set./dez. 2019.

CAMPELLO, Ana Regina. Pedagogia Visual/ Sinal na educação dos Surdos. *In*: QUADROS, Ronice Müller de. PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **Pedagogia Visual na educação dos surdos-mudos**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LIMA, Maysa Ramos Vieira; PEIXOTO, Janaína Aguiar (orgs.). **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa: Sal da Terra, 2018.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil: história e Políticas Públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e educação de surdos. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 62-67, 2009.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 143-157, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; SOUZA, Ana Cláudia de. Análise de “Ideias para ensinar português para alunos surdos”: Como fica o ensino da leitura? **Linguagem Arena**, Porto, v. 10, p. 9-22, 2019.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de Surdos: o que dizem os profissionais da escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, . V. 20, n. 1, p.33-43, jan./abr. 2016.

SKLIAR, Carlos. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. *In*: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **Educação Especial**: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001. p. 85-110.

STEYER, Daiana; MAQUIEIRA, Josiane; FRONZA, Cátia de Azevedo. Atividades de Língua Portuguesa escrita no contexto de alunos surdos em anos iniciais do ensino fundamental. **INES/Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 48, jul./dez. 2017.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Texto-base de curso de Licenciatura de Letras/ Libras, UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Novos caminhos: pensando materiais didáticos de língua portuguesa como segunda língua para alunos surdos. **Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 25-36, 11 fev. 2015.